



ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA CONSTRUINDO CAMINHOS E POSSIBILIDADES DE TRABALHO NA CRECHE

BETWEEN THE THEORY AND PRACTICE BUILDING PATHS AND POSSIBILITIES OF WORK IN THE NURSERY CENTER (CRECHE)

Carla Oliveira¹
Luciene Alves Peccin²

RESUMO

Apresentar o trabalho desenvolvido na Creche Área de Saúde (CAS), construindo possibilidades de atuação em que teoria e prática caminham juntas em prol do desenvolvimento integral das crianças é o objetivo central do presente relato de experiência. Para tanto, apresentamos um breve histórico da origem das creches no Brasil, que ocorreu ao final do século XIX, considerando as concepções teóricas pelas quais a creche, enquanto instituição voltada ao atendimento de crianças pequenas, trilhou até chegar aos dias de hoje, em que faz parte da Educação Básica Nacional. Também destacamos algumas das publicações nacionais importantes na atualidade que fundamentam a prática na educação infantil e, por fim, dois relatos de experiências dentro da CAS que exemplificam um pouco sobre nossa concepção e vivência em que buscamos um trabalho com cada vez mais qualidade para as crianças.

PALAVRAS-CHAVE: Creche. Relato de experiência. Desenvolvimento infantil.

ABSTRACT

This experience report aims to introduce the work developed in Creche Área de Saúde (CAS), by creating possibilities of action in which theory and practice go together in order to help children develop integrally. Therefore, we present a brief history of the origin of nursery centers in Brazil, which happened in the late nineteenth century, considering the changes in theoretical concepts by which these centers, as institutions dedicated to the care of small children, went through until being part of National Basic Education. This article also highlights some of the major current publications in Brazil that set the theoretical background for this practice in early childhood education. Finally, two narratives of experiences within CAS show a little of our conception and the experience we have in providing children with increasingly quality work.

KEYWORDS: Nursery center. Experience report. Children development.

¹ Funcionária da Creche da Área de Saúde da Divisão de Educação Infantil e Complementar - Universidade Estadual de Campinas. – Campinas, SP – E-mail: carlaoli@UNICAMP.br

² Funcionária da Creche da Área de Saúde da Divisão de Educação Infantil e Complementar - Universidade Estadual de Campinas. – Campinas, SP – E-mail: peccin.luciene@gmail.com

Recebido em: 04/01/2016 – **Aceito em:** 29/01/2016.

INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, a infância e a educação, enquanto concepções que fazem parte de todo um sistema político, social e cultural, trilharam um importante caminho de escrita de suas histórias, percorrendo novas possibilidades, tanto discursivas, quanto de práticas cotidianas, especialmente no âmbito das instituições educativas. Porém, a escrita deste percurso nem sempre foi linear, e infância e educação são conceitos que nem sempre caminharam juntos, afinal, à medida que se modifica a sociedade, alteram-se também as compreensões acerca das diversas áreas de conhecimento e, nesse sentido, a infância foi e ainda é foco de investigação e pesquisa em diversas áreas das ciências.

Não é intenção deste relato de experiência, contudo, propor uma ampla discussão teórica sobre os diversos percursos da história da infância e da educação; porém, é fundamental mencioná-los considerando que, ao se propor uma reflexão sobre a prática, acredita-se que os profissionais de hoje são herdeiros de todo um processo histórico, que tem influências políticas, sociais e econômicas que refletem diretamente no trabalho da creche hoje. Dessa forma, o objetivo deste texto é relatar o caminhar entre a teoria e a prática na educação infantil, de modo mais específico na creche, relatando algumas experiências de trabalhos desenvolvidos na Creche Área de Saúde, situada na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Para tanto, apresenta-se ainda, em nível introdutório da temática, um breve histórico da origem das creches no Brasil, ainda ao final do século XIX, destacando um panorama geral das diversas áreas de conhecimento e concepções teóricas pelas quais a creche, enquanto instituição voltada ao atendimento de crianças pequenas trilhou seu percurso até chegar aos dias de hoje, em que faz parte da educação básica nacional. (BRASIL, 1996).

Em seguida, os relatos de experiências com dois projetos desenvolvidos na Creche Área de Saúde no ano de 2015 são destacados como uma possibilidade metodológica de atuação. E, por fim, as discussões finais buscam relacionar as concepções teóricas com a prática cotidiana, e a nossa visão de que ambas necessariamente devem ser pontos convergentes para que, de fato, haja um trabalho de qualidade.

AS CRECHES NO BRASIL: UM POUCO DA HISTÓRIA

1899 é referenciado como o ano em que foi criada a primeira creche no país, situada no Estado do Rio de Janeiro, e voltada ao atendimento de filhos e filhas de mulheres operárias da então 'Fábrica de Tecidos Corcovado' (KUHLMANN JÚNIOR, 2000). E, em revisão bibliográfica acerca da temática do surgimento das creches no Brasil, Oliveira (2014) apontou para uma série de acontecimentos que antecederam e impulsionaram o surgimento

desta primeira creche, bem como das várias outras que foram surgindo paulatinamente no cenário nacional ainda na primeira metade do século XX. Assim, destacamos:

- A fundação, em 1875, também no Rio de Janeiro, do primeiro ‘jardim de infância’ no país, com atendimento voltado às crianças da ‘elite’ da cidade;
- A circulação do jornal ‘A Mãe de Família’, especialmente no Rio de Janeiro e São Paulo. A publicação, já em sua primeira edição, no ano de 1879, trazia como matéria principal o tema da ‘Creche’, que já era uma instituição em funcionamento na Europa, como uma espécie de asilo para abrigo de crianças pobres;
- Segundo o jornal, com a promulgação da ‘Lei do ventre Livre’, em 1871 no país, as mulheres negras e pobres, que já não seriam mais escravas, passariam a compor o novo cenário econômico do país, sendo inseridas no mundo do trabalho e então a creche deveria ser o lugar de abrigo de seus filhos durante sua ausência;
- A creche poderia ainda, ser uma solução para uma questão social que era a ‘roda dos expostos’, local onde bebês eram comumente abandonados.

Tais considerações faziam parte do cenário social de uma época em que se acentuava um discurso de diversas áreas do conhecimento sobre a proteção à infância, bem como mudanças econômicas que inseriam as mulheres no mundo do trabalho. Tudo isso corroborou para que a creche fosse, por definição, um local de abrigo, proteção e assistência às crianças pobres.

O discurso de proteção à infância perpassava pelas diversas áreas de conhecimento, ocasionando em todo o cenário nacional iniciativas para organizações de creches. Aqui, as primeiras relações entre assistência, higiene e saúde e educação começaram a estabelecer-se, mas ainda sem um foco definido. A falta de uma política pública nacional que unificasse e solidificasse as propostas de trabalho permitiam que iniciativas com infinitas de propósitos e objetivos fossem criadas sem uma reflexão sobre a creche que passava lentamente a integrar a gama de instituições sociais. Em geral, as iniciativas eram tidas como “favores” de órgãos sociais à população pobre, e não um dever do Estado, como se compreende na atualidade. (OLIVEIRA, 2014, p. 25).

Ainda na primeira metade do século XX, a publicação de uma nova CLT – Consolidação das Leis do Trabalho discorria, em seu artigo 389, sobre a obrigação do empregador para com a criação de creches no local de trabalho onde houvesse pelo menos trinta mulheres, maiores de 16 anos de idade, quando não houvesse tal instituição que realizasse o atendimento às crianças. (BRASIL, 1943). A lei impulsionou a criação de creches no local de trabalho das mulheres, inicialmente para bebês em período de amamentação.

Foi neste período também que uma série de políticas voltadas para a assistência à maternidade passaram a vigorar no país, como destacou Vieira (1986, apud OLIVEIRA, 2014). Desta forma, a criação de órgãos como a Legião Brasileira de Assistência (LBA), o Departamento Nacional da Criança (DNCR) e o Ministério da Educação e Saúde, impulsionaram a criação de creches durante a primeira metade de século XX. Contudo, a

expansão da oferta, especialmente no Estado de São Paulo, passa a se dar a partir da década de 1980, a partir do que denominamos de redemocratização da sociedade. E, aqui, surgem então, as creches da UNICAMP, nosso local de trabalho e pesquisa.

A Creche Área de Saúde foi inaugurada no ano de 1990, mas dentro da Universidade, a primeira creche data de 1982, sendo denominada de CCI (Centro de Convivência Infantil). A unidade fazia parte de um Programa do governo do Estado que deveria criar creches com o objetivo de

Prestação de serviços a um segmento populacional determinado: mães, trabalhadoras do serviço público, assalariadas. Desta forma, o universo a que se destina ao nível institucional é: a administração pública direta (secretarias estaduais), e a administração pública indireta (Autarquias – por exemplo, as universidades e empresas estatais). (REIS, 1997, p. 64-65).

O CCI da UNICAMP, que posteriormente passou a ser denominado de CECI (Centro de Convivência Infantil), iniciou seu atendimento às mães trabalhadoras da universidade e seus bebês ainda em período de amamentação. O trabalho foi se ampliando e, de acordo com Oliveira (2014), ao final da década de 1980 a Universidade já havia expandido o atendimento às crianças, consolidando então, os ‘Programas Educativos da UNICAMP’. O trabalho voltava-se então, para os bebês (berçário), o maternal, atendendo crianças de até quatro anos de idade, aproximadamente, e a pré-escola, que era atendida por meio de um convênio com a Prefeitura do Município de Campinas. Finalizando, o Programa de Integração e Desenvolvimento da Criança e do Adolescente (PRODECAD), inaugurado em 1988, atendia crianças e jovens em período oposto ao da escola regular.

Assim, a CAS vem compor este cenário no ano de 1990, para atender a uma demanda específica da universidade: mães trabalhadoras da área da saúde que tinham horários específicos de trabalho, que o CECI não conseguia suprir. Dessa forma, surge uma creche atendendo sete dias por semana, com horários de acordo com a jornada de trabalho de suas mães.

Ampliando a discussão em âmbito nacional destaca-se que, ao decorrer do percurso histórico, as creches e a pré-escolas passam a ser direito social das crianças, com o reconhecimento da educação infantil como dever do Estado, segundo a Constituição de 1988. Diante desse processo, a educação infantil passa por diversas mudanças no que se referem às suas concepções sobre criança, currículo e práticas pedagógicas. No ano de 2009, o MEC passa a adotar as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil, como documento oficial para nortear as práticas pedagógicas voltadas para crianças de 0 a 5 anos, apresentando a visão de criança que hoje permeia a nossa prática:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2010, p.12).

No que se refere ao currículo, segundo as Diretrizes, este deve propor um conjunto de práticas que sejam capazes de articular as experiências e os saberes das crianças, buscando proporcionar vivências que promovam o conhecimento cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, visando o desenvolvimento integral das crianças. Vale ainda destacar o quanto o currículo é confundido erroneamente como parte de um conteúdo que precisa ser aprendido. Ou seja, há uma preocupação com um conteúdo sistematizado, que vem sendo adotado cada vez mais cedo e com maior frequência por diversas instituições de ensino desde a creche e pré-escolas, o que acaba por privar as crianças das descobertas e vivências típicas da sua faixa etária e desenvolvimento.

No ano de 2014, uma nova publicação do Ministério da Educação contribuiu para a nova concepção acerca do trabalho na creche. O documento “Brinquedos e Brincadeiras na creche. Manual de Orientação pedagógica” apresenta mais uma vez o trabalho voltado a crianças de 0 a 3 anos de idade como educativo, que deve preconizar as relações de educação e cuidado como fundamentais e indissociáveis, e apresenta, mais uma vez, a educação infantil, não somente como direito das famílias trabalhadoras, como preconizou a constituição, mas fundamentalmente, como um direito da criança,

A educação da criança pequena foi considerada, por muito tempo, como pouco importante, bastando que fossem cuidadas e alimentadas. Hoje, a educação da criança pequena integra o sistema público de educação. Ao fazer parte da primeira etapa da educação básica, ela é concebida como questão de direito, de cidadania e de qualidade. As interações e a brincadeira são consideradas eixos fundamentais para se educar com qualidade. (BRASIL, 2014, p.11).

Ressaltamos, por fim, que o Ministério da Educação tem trabalhado em uma nova publicação denominada ‘Base Nacional Comum’ (BRASIL, 2015), que contempla todas as modalidades de ensino, desde a Educação Básica, ao Ensino Médio e que, no momento da submissão do presente artigo, o documento encontrava-se disponível para consulta pública e participação de toda a comunidade. Citá-lo aqui se faz importante já que a creche faz parte de todo este processo.

METODOLOGIA

A atuação pedagógica na Creche da Área de Saúde (CAS) tem se pautado nas Diretrizes Curriculares e no decorrer do trabalho cotidiano, podendo-se afirmar que esta é revisada a cada nova proposta de vivência oferecida às crianças. Há um empenho em refletir e criar situações de aprendizagem pautadas nos princípios éticos, políticos e estéticos, buscando promover a autonomia, a identidade e o exercício da cidadania, por meio de vivências que permitam a expressão da sensibilidade, criatividade, ludicidade e diferentes manifestações artísticas e culturais, conforme preconizam os materiais elaborados pelo MEC.

É importante destacar ainda que, para além dos documentos oficiais, as professoras da creche, de maneira geral, têm buscado cada vez mais a formação continuada e em contexto, ou seja, participam de cursos, palestras, eventos relacionados ao tema da educação infantil e que possibilitam a problematização de suas práticas junto às crianças. Além disso, buscam consolidar seu trabalho baseando-se no documento publicado pela própria instituição, as ‘Diretrizes Curriculares da DEdIC’ (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, 2013).

Na tentativa materializar e divulgar o trabalho desenvolvido na CAS, apresenta-se neste relato dois trabalhos realizados ao longo de 2015, que tiveram grande envolvimento de crianças e profissionais. Assim, considerando a importância de propiciar às crianças pequenas vivências que possam contribuir para o seu desenvolvimento e aprendizagem, e tendo como base os princípios que norteiam a nossa prática, foi proposto às crianças do Convivência II (faixa etária de 18 a 40 meses), o projeto ‘1,2,3 conte outra vez... Imaginando, criando e ouvindo histórias’.

O trabalho pautou-se na ideia de que contar histórias para crianças pequenas é dar a elas oportunidade de vivenciar um mundo de fantasia e encantamento, de ampliar a imaginação, a brincadeira e o faz-de-conta. É possibilitar a descoberta de emoções importantes como, por exemplo: a tristeza, a alegria, o medo, a tranquilidade, e a maneira como lidar com as situações da vida real. Ouvir e contar histórias não são uma vivência que se restringe ao domínio da leitura e escrita. O primeiro contato e interação que ocorre entre criança e texto, propiciando a ela a apreciação da beleza da história mesmo sem saber ler, é feito oralmente, por meio da mãe, do pai, dos avós, de um adulto, seja contando histórias inventadas, livros ou poemas sonoros nos diferentes momentos cotidianos.

Sendo assim, entendemos que o contato com os livros, o ato de ouvir e contar histórias são os primeiros passos para a formação de leitores, e é essencial proporcionarmos às crianças, desde o nascimento, momentos frequentes da rotina – como o banho, o descanso à sombra de uma árvore no pátio – uma relação prazerosa com o livro e com escuta de histórias (KAECHER, 2001).

Ao trabalhar com a literatura infantil, o professor além de permitir que a criança se divirta enquanto vivencia a história, também possibilita que essas histórias ofereçam recursos para que ela reflita sobre si mesma e sobre o mundo a sua volta, podendo ajudar a resolver conflitos internos e agregar experiências para sua vida que sejam duradouras e importantes.

O segundo trabalho que materializa um pouco da prática na creche ocorreu no módulo Convivência I. ‘Pintando a cultura brasileira: a infância retratada em Romero Britto e Ivan Cruz’ foi o nome escolhido para trabalhar com a linguagem artística com as crianças de faixa etária entre 6 a 24 meses aproximadamente.

As Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil, logo em suas definições iniciais, apresenta a visão do currículo que deve ser contemplada no trabalho,

Conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral das crianças de 0 a 5 anos de idade (BRASIL, 2009, p.12).

Ao propor um trabalho envolvendo artes e pintores nacionais, a intenção foi tanto de inserir os bebês na cultura e promover um conhecimento artístico, quanto torná-los também protagonistas desta mesma cultura em que estão inseridos, produzindo novos saberes e caminhos neste universo cultural e social.

O trabalho teve início com modificações no espaço físico, com reproduções de telas dos artistas ao alcance de crianças e famílias. As professoras também fizeram adaptações das obras em diferentes materiais, como “bolinhas de isopor” que foram pintadas e ficaram em exposição em locais de passagem das crianças e dos adultos. Neste período inicial, também foram realizadas pesquisas sobre os autores e formas de trabalhar artes com os bebês. Para além dos documentos do MEC, também foi utilizada bibliografia sobre o trabalho com ‘projetos’ na educação infantil, especialmente obras da abordagem italiana de educação.³

Após essa primeira apropriação realizada pela equipe, as vivências com as crianças tiveram início e, durante todo o ano, tiveram a oportunidade de entrar em contato com uma infinidade de materiais, cores, texturas, cheiros, etc. Pintaram, produziram tintas com materiais naturais, massinha; utilizaram papéis de diferentes espessuras, lixas, e claro, telas próprias para materializarem suas artes. Guarda-chuvas ganharam uma ‘releitura’. Pincéis, os mais impensáveis: desde escovões utilizados cotidianamente para limpeza de banheiros, até ‘mata-moscas’. Tudo, ao entrar em contato com a tinta e com as mãos dos bebês, tornou-se instrumento artístico.

RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com literatura considerou, no momento de sua escrita, aspectos teóricos, ou seja, levantamento de autores que pudessem embasar a prática de maneira coerente, visando atingir o objetivo de proporcionar o contato das crianças com a literatura infantil por meio do ouvir, recontar e dramatizar histórias, na tentativa de desenvolver a imaginação, o gosto pela leitura e a percepção do mundo a sua volta.

³ De maneira geral, a abordagem italiana trabalha com projetos na educação infantil sempre a partir de interesse das próprias crianças e ficou conhecida mundialmente por sua excelência. Inicialmente criada em Reggio Emilia é referenciada em diversos países e, na creche, buscamos nos apropriar de alguns conceitos, sempre considerando as especificidades de cada cultura e sociedade.

Depois, o trabalho “ganhou vida” por meio das histórias que não foram escolhidas previamente, pelo simples fato de que se acreditou na capacidade das crianças demonstrarem seus interesses e desejos. E assim o projeto caminhou, de maneira que as histórias escolhidas pelas crianças foram trabalhadas, contadas e recontadas por meio de diferentes linguagens, em espaços distintos e contemplando situações de aprendizagem em que os saberes culturais, artísticos, ambientais, científicos e tecnológicos estiveram presentes. As histórias saíram do papel, os personagens do faz-de-conta visitaram as crianças, se tornaram reais, houve encantamento, sensibilização, expressão, exploração, houve vida a cada página virada e a cada história recontada.

A respeito do projeto envolvendo a linguagem artística, foi possível observar a cada vivência proposta, o interesse e motivação das crianças em participar. Cada cor, textura ou material foi utilizado pelos bebês de maneira plena, e demonstraram que uma pintura não precisa ser feita somente com tinta e papel, utilizando um pincel, por exemplo. As crianças pintam com o corpo, brincam com a arte e, a partir dela, manifestam-se e produzem-se no mundo. O projeto foi encerrado com uma linda exposição de artes, que transformou, por alguns dias, o espaço Convivência I em uma verdadeira galeria. Tudo aquilo que foi exposto foi produzido pelas crianças, sem exceção.

Ambos os projetos destacados não teriam se concretizado se não fosse pelo envolvimento de toda a equipe. Cada profissional, a seu modo, contribuiu para que as crianças tivessem um ano repleto de aprendizagens. Por meio do brincar as crianças foram autoras de trabalhos muito especiais, que expressam de maneira clara a importância de se pensar a prática considerando-as como o ponto central de cada proposta. A creche hoje deve buscar não somente valorizar as ações de cuidado que são fundamentais para a faixa etária atendida, mas integrar tais práticas a um processo educativo amplo, que reconhece a criança como um ser completo, inserido em um contexto, produto e produtor de cultura.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Consolidação das Leis do Trabalho – CLT**. Brasília: [s.n.], 1943.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: [s.n.], 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. **Brinquedos e brincadeiras na creche**. Brasília: Manual de Orientação Pedagógica, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. Consulta pública. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>>. Acesso em: 02 jan. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases d Educação Nacional**. nº 9.394 de 20 dez. 1996. Brasília: MEC, 1996.

KAECHER, Gládis. E por falar em literatura... In: CRAIDY, Carmem; KAECHER, Gládis (Org.). **Educação infantil: pra que te quero?**. Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 81-88.

KUHLMANN JUNIOR, Moysés. Educando a infância brasileira. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (Org.). **500 anos de Educação no Brasil**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p.469-496.

OLIVEIRA, Carla. **Mulheres cuidadoras, mulheres professoras: história, memória e formação profissional na Creche Área de Saúde da UNICAMP**. 2014. 192p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

REIS, Magali Fagundes. **A creche no trabalho... o trabalho na creche: um estudo sobre o Centro de Convivência Infantil da UNICAMP: trajetória e perspectivas**. 1997. 179p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Divisão de Educação Infantil e Complementar. **Diretrizes pedagógicas**, 2013. Disponível em: <http://www.dgrh.UNICAMP.br/documentos/produtos-e-servicos/dedic_diretrizes_pedagogicas_professor.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2015.

AGRADECIMENTOS

Os dois projetos citados contaram com o comprometimento de toda a equipe de professoras. Assim, deixamos aqui nossos agradecimentos a todas que trabalham diariamente na construção de uma educação infantil com cada vez mais qualidade para as crianças.

A toda a equipe de professoras do Convivência I (manhã e tarde): Ana Carolina Reis, Carla de Oliveira, Cyntia Aparecida Savano, Danielle Pereira, Elisângela Freitas, Iraci Vilas Boas, Maria Teresa Nascimento, Marineusa Tossini, Rosemary Barbosa, Rosineide Silva, Sabrina Reis, Sandra Mara da Cruz, Valdinéia Cordeiro, Valéria Damaceno.

A toda a equipe de professoras do Convivência II (tarde): Ana Lucia Caumo, Dayanne Cristina Oliveira, Ivonete Cristina Ribeiro, Luciene Peccin, Marli Armelin, Rosana Nunes
À coordenação pedagógica: Rosana Aparecida do Nascimento
À direção da CAS: Simone Rodrigues.

